

INVENTÁRIO DOS ESTUQUES DECORATIVOS DO NORTE DE PORTUGAL

Ficha n.º

1. Designação: Casa da Feitoria Inglesa

2. Localização

2.1 Concelho: Porto

2.2 Freguesia: S. Nicolau

2.3 Rua: Rua Infante D. Henrique-Rua de S. João

3. Utilização

3.1 Anterior: Feitoria Inglesa

3.2 Actual: Casa da Feitoria

4. Propriedade:

Privada (British Association)

5. Autoria do edifício: John Witehead (prov.)

6. Data: cerca de 1790 (conclusão)

7. História:

Ao longo do século XVII, a comunidade britânica no Porto cresceu a um ritmo acentuado em resultado do cada vez maior incremento do comércio com a Inglaterra centrado sobretudo no vinho exportado pela foz do rio Douro.

A colónia de comerciantes ingleses e suas famílias expandiu-se de tal forma que justificou a nomeação de um cônsul no Porto em 1642 e a concessão por D. Pedro II, em 1691, de um juiz privativo¹.

Contudo, faltava-lhes um edifício para sede de associação pois reuniam-se em várias casas da Rua Nova de S. Nicolau².

Em 1767, o Senado Portuense cedeu-lhes um terreno³. Era cônsul John Witehead, homem de muitos saberes e entre os quais o da Arquitectura. Colaborando com a Junta de Obras Públicas dirigida por João de Almada, risca, em 1774, o projecto da Praça de S. Domingos, das casas do lado poente e da fonte da Praça da Ribeira⁴. Provavelmente também desenhou o da casa da Feitoria Inglesa, embora não haja uma certeza



¹ Gonçalves, Maria Guilhermina Bessa – Considerações a partir de uma dissertação centrada na Comunidade Britânica do Porto (In *ler.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/1486.pdf*)

² Quaresma, Maria Clementina de Carvalho – Porto. Inventário Artístico de Portugal. Vol. XIII, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1995, pp. 124

³ Idem, ibidem

⁴ Alves, Joaquim Jaime B. Ferreira Alves – Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro. Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património, I série, vol. IV, Porto, 2005, pp. 148.

documentada até agora. As obras não se iniciaram de imediato pois para o seu financiamento foi necessário recolher fundos tendo o parlamento inglês aprovado um 'prémio de exportação de 300 réis por pipa de vinho, 400 por pipa de azeite, 100 por cada saco de lã e 60 por barrica de sarro ou creme tártaro'⁵.

Em 1785, o edifício ainda não estava concluído conforme refere o P.e Agostinho Rebelo da Costa na sua 'Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto'. Seis anos mais tarde já figura na carta de Aguilar e para a sua construção teriam concorrido 'mais de 150 homens-pedreiros, estucadores, carpinteiros e outros artífices'⁶.

Witehead dirigiu os trabalhos tendo como 'assistente Joaquim da Costa Lima Sampaio que se tornou um dos principais arquitectos no Porto, responsável pelo risco do Palácio Real, mais tarde Museu Nacional Soares dos Reis, construído num estilo (neopalladiano) inspirado no novo hospital desenhado por John Carr, e da Bristish Chapel concluída em 1818'⁷

A decoração do interior obedeceu a critérios de conforto e beleza com a introdução do melhor que havia em mobiliário, candelabros em cristal, fogões de sala, etc⁸. Muito provavelmente os estuques que decoram as paredes e tectos foram executados por artistas ingleses que introduziram no Porto o 'Estilo Adam'. Segundo Florido Vasconcelos os estuques da Casa da Feitoria são anteriores aos que Luigi Chiari executou em 1797 na Igreja dos Terceiros Franciscanos⁹

⁵ Carvalho, Luís de – Livro de Ouro Porto Património Mundial. Ed. 'O Comércio do Porto', 1999, pp. 90

⁶ Sanceau, Elaine – The British Factory Oporto. Ed. Bristish Association. Oporto, 1970, pp. 53

⁷ Delaforce, John de Fleurriet – The British in the North of Portugal, in the 18th century, pp. 206

⁸ Sanceau, Elaine – Ob. Cit. pp. 57

⁹

10. Descrição

10.1 Salão de baile

As paredes laterais em azul claro encontram-se subdivididas por falsas pilastras a gesso branco canelado com capiteis de inspiração jônica em que as volutas se interligam por grinaldas e por um friso de óvalos. Entre estas subdivisões abrem-se espaços verticais preenchidos por apainelados com fundo em azul claro, de perfis relevados em gesso branco, encerrando ornatos em estilo *Adam* modelados a fino estuque branco:- um círculo de 'campaínhas', atado superiormente por fitas, no interior do qual se insere taça com base desenvolvida em dois enrolamentos laterais, simétricos, terminados em campânula; a este ornato une-se inferiormente uma elipse de 'campaínhas' a enlaçar-se a círculo com o mesmo motivo e centrando uma pequena roseta. Da base do ornato circular partem, em simetria, dois enrolamentos laterais em rebentos de acanto estilizado que terminam em dupla campânula estando o conjunto decorado inferiormente por grinalda de 'campaínhas'.

A sobriedade da decoração parietal é sublinhada por friso denticulado percorrendo toda a sanca e no tecto por uma moldura com uma simples haste vegetalista em sinuosidade rítmica como que prolongando o movimento circular dos ornatos dentro dos apainelados. A contrastar, ainda que muito levemente, destacam-se, nos pontos de luz dos candelabros, centros com folhas de acanto em gesso envolvidas por um delicado círculo de 'campaínhas' tendo inscrito uma figura geométrica de quatro linhas côncavas com o mesmo motivo vegetalista e cujas pontas se assemelham a pequenas espigas.

No fundo da sala e na zona alteada onde tocava a orquestra, abrem-se três nichos em arco pleno no interior dos quais se repete um dos motivos da decoração em estuque das paredes.

Este salão de baile é bem representativo do neoclássico romântico importado da Inglaterra pelos artistas decoradores influenciados pelo *estilo Adam*, decerto conhecido pelo cônsul John Witehead.

